

## **A LINGUAGEM POÉTICA DE CRAVEIRINHA E JOÃO CABRAL DE MELO NETO: ECOS QUE CANTAM A MANHÃ.**

Cleonilde Ribeiro de Souza Costa (UNEMAT)<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo aborda o comparatismo literário que ocorre no poema “Galos” de José Craveirinha e “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto por meio do conceito “macrossistema”. De acordo os estudos realizados durante a disciplina de Literaturas Africanas no Programa de Pós Graduação em Estudos Literários- PPGEL/UNEMAT, esse procedimento estabelece estratégias para realização de estudos de obras pertencentes a sistemas literários nacionais em língua portuguesa. Os textos selecionados para análises apresentam confluências e divergências, ao considerar as relações que cada um estabelece com a cultura local de cada sistema, passando assim, dialogar à medida que o leitor percebe no discurso poético a representação de um mundo ainda no “devir”. Para estabelecer essa leitura as reflexões foram pautadas nas concepções críticas literário-política de autores que enfatizam a necessidade de compreender a subjetividade dos textos para que estes apontem ações individuais, isto é, princípios culturais e ideológicos particulares que possam discorrer em uma abordagem comum, ou seja, são ecos poéticos que se elevam e transcendem a outras teias literárias. As abordagens advindas da historiografia literária serviram para alicerçar a base para que o texto seja visto e analisado conforme as condições em que foi escrito considerando as ações que discorrem entre a literatura e a história. E o conceito de Utopia foi utilizado por nós para mostrar a capacidade de criar imagem poética que imprime modo de construção social por meio do desejo, unindo expectativa e esperança em representações de mundos imergidos do contexto político/social em época de opressão, rupturas e mudanças em países considerados de margem.

**Palavras-chave:** Poesia moçambicana; brasileira; comparatismo literário; Craveirinha; Cabral de Melo Neto.

### **Introdução**

O artigo propõe um breve diálogo literário entre dois poemas, “Galos” de João José Craveirinha e “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto. As imagens poéticas constitutivas em cada um dos textos selecionados apresentam confluências e

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, UNEMAT- Tangará da Serra- MT.

divergências, ao considerar as relações literárias que cada uma estabelece com a cultura local de cada sistema, passando assim, dialogar à medida que o leitor percebe no discurso poético a representação de um mundo ainda no “devir”, assim o espaço social se constrói por meio da voz do eu-poético que une expectativa e possibilidade como capacidade de criar modo de construção social.

O primeiro intitulado de “Galos”, de João José Craveirinha, publicado na obra *Poetas de Moçambique/Antologia Poética* organizada por Ana Mafalda Leite (2010). O livro compõe-se de poemas selecionados de outras publicações, dessa maneira, encontram-se nesta coletânea poemas do livro “Xigubo” (1964), “Karingana ua Karigana” (1974), “Cela I” (1980), “Babalaze das Hienas” (1997), “Maria” (1998), “Poemas da prisão” (2003) e “Poemas eróticos” (2004).

O poema citado está em “Karingana ua Karigana” que na língua ronca significa “Era uma vez”, o livro reúne poemas que anunciam a força de uma linguagem estabelecida a partir da metalinguagem, viabiliza a visão criadora do poeta em relação à arte da palavra, pois ao mesmo tempo em que apresenta um texto mais extenso, cria outro mais curto, e assim, a densidade de cada palavra representa o galar da poesia moçambicana que alça ao longe a perspectiva de uma manhã em construção.

E pautando-se no conceito de “utopia concreta” de Ernst Bloch, estudo realizado por Arno Münster (1993), o discurso do eu-poético em “Galos” apresenta a maneira de como algo é produzido pela esperança, sendo que este ser, o desejo de esperar, é produto da “consciência antecipadora”. Para isso, o teórico estabelece que a “esperança” de Bloch é constitutiva da ligação de outras três categorias do pensamento, primeiro a “esperança” é vista como “afeto da espera” e da “expectativa” essas duas unem-se com a terceira que é a “categoria possibilidade” e o resultado dessa fusão transformam-se em atividades da “consciência antecipadora”, isto, torna-se a forma da “utopia concreta” em que homem por meio da sensibilidade, da vontade de sonhar acordado, tem a “potencialidade” de interferir no mundo por meio da força do pensamento, tendo o onirismo como lugar da imaginação que constrói o ainda não anunciado, mas passa existir quando mantém-se em constância naquilo que vem a ser (MÜNSTER, 1993, p.11).

O escritor José Craveirinha, poeta e jornalista, traz experiência poética revolucionária representativa de uma nação ainda em construção, pois, ele é considerado um dos intelectuais e poeta que aspirou à independência de Moçambique e de todos os países que viviam sob o domínio português. Seus textos poéticos apontam um repertório de chamamento intuitivo, expressivo da identidade cultural de um país em ruptura com a cultural literária hegemônica engessada pelas forças política/ideológicas do sistema capitalista mantido pela relação MetrÓpole/Colônia (ABDALA JUNIOR, 2007).

É a partir do olhar cultural/local que José Craveirinha compõe em seus versos profecias, é uma poesia que anuncia o futuro que está gestado na “consciência antecipadora”, esta consciência projeta arquétipo de um tempo que está posto no sonho acordado. Há no seu texto poético o sonho, o anseio do eu-lírico de construir o mundo que ainda não existe, por isso, a atividade de representar a nação e as particularidades de sua gente por meio da arte faz dele um intelectual renomado. De acordo com Münster (1993) o sonho diurno é a manifestação da “consciência antecipadora”, que impulsiona o querer ser representado pelo sonhar acordado, mecanismo do ser da consciência livre da censura, do subconsciente que interrompe as imagens do desejo como acontece com o sonho noturno, pois “os sonhos diurnos são sempre orientados para o futuro, ao passo que os sonhos noturnos têm uma relação privilegiada com o passado, tendo função de liberar as imagens de desejo comprimidas no subconsciente” (MÜSNTER, 1993, p. 25).

No poema “Galos” o leitor absorve a força ideológica de uma voz instituída a partir da experiência vinda de um contexto político e cultural, essa voz luta contra o sistema colonialista português. Nesse embate de ideia, os versos do poema propõem um alerta de que somente por meio da força coletiva de “Galos” conscientes, que se juntam a outros “Galos” na vigília constante é que se constrói uma nação independente:

Até os galos

Aqui sabem o delito

Do alerta que se não canta.

E a noite

Escuta-os na vigília

Não desperdiçada

De galar o embrião na manhã

36).  
Íncuba deste sul ao mundo (CRAVEIRINHA, 2010, p.

Os versos expressam também a imagem do próprio poeta que tem consciência do seu ofício de lapidar palavras, ideias, assim como, a tarefa de inculcar no receptor de maneira subjetiva, formas de pensar o mundo real. Por isso, o poema chama atenção de outros poetas para estarem juntos no ofício de fazer arte, e construir sonhos que se unam “na manhã/incuba deste sul ao mundo”.

A poesia de José Craveirinha canta a Nação livre para que as almas humanas possam compor-se de vidas próprias, de sonhos, estórias. As imagens poéticas que o leitor capta representa o desejo de uma Terra/Mãe livre do poder homogeneizador dos sistemas políticos opressores que trocam o Homem pelo Lucro.

Para dialogar com o primeiro poema, trazemos o poema “Tecendo a Manhã” de João Cabral de Melo Neto, publicado no livro “Educação pela Pedra” (1966).

O poeta João Cabral de Melo Neto é conhecido pelos estudos críticos e historiográficos da Literatura Brasileira (BOSI, 2013) como um dos grandes poetas da “Geração de 45”, a expressão caracteriza um grupo de escritores que desejavam experimentar o rigor formal de fazer poesia, por isso, grande parte dos textos poéticos de Cabral não foge ao trabalho laborioso com as palavras.

Em relação à escrita cabralina, o estudo crítico de Máira Tamaoki Sant’Anna afirma que João Cabral de Melo Neto é “um poeta de palavra”, ou seja, as perspectivas teóricas apontam que ele considerava que [...] “um poema não se faz com ideias, mas com palavras, bem como não se faz com inspiração e sim com transpiração” (2009, p. 8). Os

estudos críticos de Sant'Anna (2009) consideram essa característica do poeta devido às influências advindas da pintura surrealista, os estudos confirmam que:

Seu grande contato com o pintor surrealista Joan Miró, além da marcante influência deste em sua obra, dá-se exatamente nesse sentido. Em sua arte, Miró constrói um espaço plástico em que o “ingênuo” coexiste com a mais rigorosa técnica de abstração, ao invés de valorizar o fluir livre e desregrado dos sonhos e do fantástico. Além de Juan Gris e Jean Dubuffet, Mondrian, nesta mesma perspectiva, exerce influência relevante na poesia de João Cabral (SANT'ANNA, 2009, p. 12).

De acordo com Bosi (2013) a escrita poética de João Cabral de Melo Neto foi reconhecida pela crítica caracteristicamente pela presença rigorosa da linguagem em seus versos, no entanto, esse rigor, o espírito formalista do poeta foi substituído pela “objetividade” da arte, inserindo assim, temáticas que dizem respeito aos problemas sociais brasileiros, em especial, a miséria do povo nordestino.

Por isso, a poesia de Cabral de Melo Neto desponta pela força objetiva da linguagem, sendo assim, constituinte da preocupação do ofício de “fazer arte poética”, atividade esta, resultante de uma consciência universal em relação ao trabalho literário, laborioso do poeta em produzir uma arte que estivesse em consonância com o “processo global de criação-transmissão-recepção do texto” (BOSI, 2013 p.501).

Os apontamentos críticos de Benjamin Abdala Junior (2003) confirmam que a estratégia discursiva de reconhecer o Brasil numa perspectiva nacional considerando as divisões regionais fez com que os países africanos de língua oficial portuguesa caminhassem na mesma direção: a de consolidar um sistema literário típico, sem descartar as experiências alheias.

## **2. Representação: poemas que ecoam a resistência e a liberdade política em solidariedade.**

O contexto de produção em que se coloca o texto poético “Tecendo a manhã” estabelece a condição de poema que estão inseridos em um contexto político de resistência e uma escrita engajada, quando a linguagem representa a expressão de um mundo entrelaçado pelos conflitos ideológicos justificados pelo movimento de guerra. Daí surge à necessidade de pensar o trabalho da arte poética como uma engrenagem que une um ser a outro, uma vez que ela ecoa em outros lugares a partir do olhar local de produção sem desprender do conjunto ao qual pertence.

As perspectivas universais e locais do poema estão ligadas pela criatividade do escritor, quando poeticamente ele apreende a temática em sua criação, e possibilita diálogos com os demais poemas a partir do repertório literário que os envolvem. Os textos se solidarizam por serem peculiares a ponto de se comunicarem pela força da palavra, de um poema bem feito que lance a voz da esperança à outra, que esta por sua vez une às outras vozes, em um processo literário distinto, no entanto, são comuns pela subjetividade e pela temática ideológica. Assim, a palavra ideal autentifica a arte como sendo local e, ao mesmo tempo, com espírito universal.

Por outro lado, o poema “Galos” de José Craveirinha representa o grito que se une a uma voz anterior e entoa sua força ideológica. A experiência intelectual do poeta que escreve a partir do contexto de Moçambique surge como ponto de convergência com experiência brasileira de Cabral, uma vez que a linguagem concisa e objetiva expressa o profético de um mundo germinado a partir da consciência comunicativa, através da arte pela palavra.

Ou seja, o poema “Galos” de Craveirinha representa para o leitor a ação utópica emergente de um desejo programado, que leva a pensar nos ecos dos “galos” de Cabral que outrora cantou. As duas ações de tecer por meio da consciência imaginativa tendo como suporte a palavra poética, torna-se pontes solidárias que desenham a liberdade do ser enquanto lugar/Nação:

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
E o lance a outro; de um outro galo  
Que apanhe o grito de um galo antes  
E o lance a outro; e de outros galos  
Que com muitos outros galos se cruzem  
Os fios de sol de seus gritos de galo,  
Para que a manhã, desde uma teia tênue,  
Se vá tecendo, entre todos os galos.

É importante perceber a comunicação que há por meio da imagem da teia que paira nos poemas de Cabral e de Craveirinha. A comunicabilidade existente nos versos de “Tecendo a manhã” representada pelo desejo de que essa arte da palavra seja apreendida por outro sujeito, que compreenda o percurso do “fazer poética”, e assim, unir-se a este canto como forma de germinar outros embriões, que tecem a manhã de outros mundos ficcionais é considerar que o escritor local constitui a partir de suas necessidades a diáspora.

A “manhã” representada nos dois poemas a consciência do poeta que reconhece a linguagem poética unida ao impulso ideológico e utópico como uma ferramenta subversiva ao que está posto como ideal, o intuito da arte é romper com as estruturas homogêneas e assim, como as tecnologias, participar do processo globalizante que ocorre atualmente no mundo.

Em consonância com os pressupostos críticos de Benjamin Abdala Junior (2003) as possíveis imbricações dialógicas entre os textos de escritores da literatura brasileira e

as africanas de língua oficial portuguesa ocorrem pelas experiências narrativas e poéticas, uma vez que o sistema literário de cada país apresenta contextos situacionais distintos, mas que sugere diálogo por meio de personagem, pela busca de sonhos, em função de uma práxis social sistematizada na construção do texto poético.

É importa observar, de acordo com estudos críticos de Tania Macedo (2009), que a contribuição do sistema literário brasileiro tem ganhado destaque pelas condições revolucionárias que ocorriam no Brasil pelas forças ideológicas do modernismo, na tentativa de romper com o sistema literário europeu. Dessa maneira:

O que se pode afirmar é que a década de 1950 é especial para a literatura de Moçambique e, sob esse aspecto, pode-se afirmar que o modernismo brasileiro foi também importante para os autores do índico (MECEDO, 2009, p. 22).

E o escritor Jorge Amado, como bem salienta os estudos realizados pela autora foi um dos escritores brasileiros que iniciou essa ponte solidária entre os países africanos de língua oficial portuguesa, pois:

Ao afirmar a singularidade brasileira e ao denunciar as desigualdades locais situando-as em um movimento mais amplo, Jorge Amado, agiu como um catalizador para os escritores africanos que, a partir de sua literatura, trilharam os caminhos da liberdade criativa e nacional (MACÊDO, 2009, p. 24).

É a partir desse princípio de consciência, do exemplo dos brasileiros que escritores africanos iniciaram com mais rigor e de certo modo, estavam preparados para realizarem uma arte que fosse ao encontro do desejo de independência/nacionalidade,

tanto política quanto literária, consequentemente os textos literários africanos sugerem ao leitor uma ponte comunicativa entre esses sistemas literários em língua portuguesa.

Os estudos historiográficos, como já foram ditos, bem como os críticos literários indicam que o período modernista brasileiro foi um marco para os cinco países africanos fortalecerem a literatura nacional.

Observa-se que as experiências literárias brasileiras contribuíram para que os escritores africanos tomassem para si a consciência de como narrar suas histórias, e longe da cópia, eles entenderam que as particularidades de cada país dependiam da força ideológica e da linguagem particular de cada um deles, mas que deveriam também, como fizeram os brasileiros, romper com a visão cosmopolita, isto é, a literatura africana despontou nacionalmente pela sua forma de difundir a arte, pela escolha das palavras “reais” que fizeram com que o escritor expressasse por meio delas o lugar de onde estava e as ideias de onde queriam estar.

Pode-se afirmar que a maturidade literária é que possibilita o diálogo entre a linguagem concisa de Craveirinha e o “fazer poética” de João Cabral de Melo Neto, como bem define Antonio Candido (2011), é a relação autor-obra-público que define a consolidação de uma literatura capaz de ultrapassar o local para o universal.

Essa ideia é a confirmação de que tanto o escritor africano quanto o brasileiro tem consciência criativa e libertadora de perceber a importância da “palavra real” que representa o contexto de onde fala o escritor, e mais, estabelece o público receptor na qual sua obra fará efeito, isto é, há uma convergência dos dois poemas porque há neles o “processo global de criação-transmissão-recepção do texto” como bem explicita Alfredo Bosi (2013), no que se refere à geração de escritores pós-modernistas.

### **3. Diálogo literário de José Craveirinha e João Cabral de Melo Neto**

O diálogo literário no poema “Galos”, de José Craveirinha e “Tecendo a manhã” de João Cabral de Melo Neto começa ao estabelecer a ideia de que os dois poemas trazem

um discurso poético que tomam a palavra como objeto de construção e em solidariedade. Partem da ideia de que sozinhos não se pode ir ao longe, por isso, criam imagetivamente uma realidade nova, em que os anseios particulares tornam-se universais pela construção de uma literatura que vai ao encontro de outras literaturas, pois a ideia de originalidade já não sustenta o processo literário nacional dos países que desejavam na época consolidar seus sistemas. É essa visão particular do texto que transcende para uma comunicação ampla, e leva o leitor a pensar nas relações internas, a linguagem, e as externas ao texto, o contexto social, ideológico ligado aos poemas, ou seja, no sistema literário no qual foi produzido.

A estratégia da construção em rede tanto em “Tecendo a manhã” quanto em “Galos” é perceber na imagética da palavra o querer individual e coletivo do eu-lírico que passa a ser um alerta para a perspectiva de algo que vai e pode ocorrer, como bem mostram os versos abaixo:

Até os galos

Aqui sabem o delito

Do alerta que se não canta.

E a noite

Escuta-os na vigília

Não desperdiçada

De galar o embrião na manhã

Íncuba deste sul ao mundo (CRAVEIRINHA, 2010, p. 36).

Há no discurso poético a demonstração imaginária de que é preciso cantar, pois é necessário romper com as estruturas elitizadas da literatura, ou seja, os versos “galar o embrião na manhã/incuba deste sul ao mundo” é uma demonstração consciente da

atividade coletiva de fazer literatura e ao mesmo tempo prenunciar uma nação que ainda germina no ser do poeta.

Pode-se afirmar que o texto literário é uma utopia, pois:

Bloch sublinha o caráter positivo destes produtos da imaginação social, sua força criadora e “subversiva”, porém, num sentido construtivo, anunciador e antecipador de uma vontade futura mais firme e clara da emancipação, da reconstrução da sociedade segundo as ideias de igualdade, de dignidade humana, de fraternidade e de liberdade (MÜSTER, 1993, p. 25).

Os versos: “galar o embrião na manhã/íncuba deste sul ao mundo” sugerem ao leitor a representação do desejo coletivo que anseia a realização de algo que ainda está no imaginário, mas já é como bem afirma a teoria o “[...] sonhar *para frente*, que indica o porvir em geral” (MÜNSTER, 1993, p.32).

O discurso poético representa a esperança em acreditar que a partir do sonhar acordado pode-se romper com a realidade posta, a utopia concreta considera os sonhos diurnos como a focalização para futuro.

Dessa maneira, a utopia concreta de Bloch e a compreensão do poema “Galos”, em especial, nos últimos versos da segunda estrofe intui a representação de um sonho diurno, ou seja, a utopia representada pela palavra “embrião” remete ao devir de um tempo/espaço, aquele que se projeta em metas e objetivos.

Esse “embrião” que ainda gesta no sonho utópico é a “consciência antecipadora” de uma nova forma de pensar ideologicamente o mundo e as relações humanas:

**Galos**

Até os galos

Aqui sabem o delito

Do alerta que se não canta (CRAVEIRINHA, 2010, p. 36).

A primeira estrofe do poema expressa acima implica o jogo da consciência que alerta para o crime que pode ocorrer com a falta do canto. E o canto pode ser entendido como a força subversiva da utopia que preza pela aspiração imaginária capaz de romper com as estruturas sociais impostas pelas forças de poder caracterizadas pelo idealismo capitalista, o sistema fechado em que a exploração do outro é sinal de desenvolvimento e grandeza.

A segunda estrofe do poema:

E a noite

Escuta-os na vigília

Não desperdiçada

De galar o embrião na manhã

Íncuba deste sul ao mundo (CRAVEIRINHA, 2010, p. 36).

Representa a ruptura a partir da visão sonhadora de pensar as relações institucionais, as novas estruturas em desacordo com o sistema fechado, idealizado em conformidade com conceito de utopia de Platão “o lugar celeste onde moram as ideais” de sonhos sem projeção do real.

O espaço/tempo expressivo nos versos acima citados entra em acordo com a utopia concreta de Ernest Bloch: “um *topos* da atividade humana orientada para o futuro,

um *topos* da consciência antecipadora e a força ativa dos sonhos diurnos” (MÜNSTER, 1993, p.25).

Pode-se absorver do poema uma ação imaginária que antecipa um mundo que se abre a conhecer a si mesmo, considerando as relações ideológicas circundantes ao seu redor, pois a voz do eu representa a voz coletiva:

E a noite

Escuta-os na vigília

Não desperdiçada

De galar o embrião na manhã

Íncuba deste sul ao mundo (CRAVEIRINHA, 2010, p. 36).

É o espírito utópico representado pelo discurso poético que constrói a “manhã” num caráter positivo de reconstruir o sujeito social e seu espaço na perspectiva da igualdade fraterna e liberdade humana.

Essa gestação da “manhã”, isto é, a cultivação da esperança naquilo que nasce a partir da “vigília” noturna, pode ser entendida como um “novo tipo de consciência” que impulsiona uma nova ação social.

Essa relação entre literatura e filosofia ajuda na compreensão de que a arte criada pelo homem serve para transformar ele mesmo. Sendo assim, “*o ainda-não-consciente*, de Ernst Bloch, é definido como instância da vida psíquica de produzir o “*sonho para frente*”, que indica o porvir em geral” (MUNSTER, 1991, p. 32).

O texto poético de José Craveirinha é carregado de representatividade utópica que inspira as novas classes sociais, possibilitando o desejo de imaginar uma nova estrutura social ascendente.

De acordo com Abdala Junior, “o devir que o poema constrói não constitui, assim, uma questão de fé, mas de trabalho, de ação individual” (2007, p.201). E a ação individual carregada de ideologia encaminha uma segunda ação, a coletiva. Nesse processo embrionário dessa “manhã” que se junta a outras “manhãs” tecidas pelos gritos de galos sistematizam o universo literário, isto é, os repertórios literários são as vozes coletivas que circundam a humanidade pela arte. Por isso:

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entretendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.  
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão (CABRAL DE  
MELO NETO,1966)

É nessa concepção literária, apontando o ser poético individual, que perpassa pelo coletivo, que se busca confluência nos poemas expostos, a erudição de João Cabral de Melo Neto e José Craveirinha se junta a um tecido comum de obras que pela consciência criadora do escritor fala por si só.

Ainda, a estratégia de incompletude do poema é tornar o discurso poético aberto com intuito de sugerir ao leitor novas concepções desse tecer das auroras. É um poema vivo que precisa dialogar com os “gritos” que são “apanhados” /lançados a outros”, construindo formas dialéticas que simulam a força coletiva que o artista exprime por meio

da arte, é a concepção do “sonho diurno” defendida por Bloch que paira em ambos os textos.

De modo peculiar o poema “Tecendo a manhã” lança voz a outras vozes que também as escutam como explicita em “Galos” e assim, nesse processo cíclico que determina cada sistema, cada arte, de maneira que as vozes representativas de cada cultura formam outro sistema maior pela comunicação solidária em língua portuguesa, o “macrossistema” literário, este reúne todos os sistemas literários (ABDALA JUNIOR, 2007). É por meio dessa estratégia que possibilita ao estudo crítico estabelecer confluências e divergências em relação aos repertórios de sistemas literários nacionais em língua portuguesa, é assim, na perspectiva da solidariedade que as fronteiras expandem-se como forma de estar no mundo e agir sobre ele. Como bem afirmam os estudos críticos, é com os pés em cada cultural que se inscreve em um sistema literário supranacional (ABDALA JUNIOR, 2007).

#### **4. Considerações finais**

O estudo permitiu confrontar os dois poemas, “Galos” de João José Craveirinha e “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto a partir da relação do conceito de utopia de Ernst Bloch quando as confluências entre os textos são construídas pelo discurso poético que tece a representação de um mundo ainda no “devir”.

Os apontamentos feitos em relação à universalidade dos textos, considerando a escrita engajada e política dos escritores envolvidos, permitiu a comunicação literária que se desenvolve entre os sistemas nacionais em língua portuguesa, fato que só foi possível a partir das leituras de textos críticos, da historiografia literária, suportes estes que contribuíram na compreensão da arte poética constitutiva dos dois sistemas literários e suas relações com o contexto histórico/social/político de ambos os países.

Percebe-se que os dois contextos, Brasil e Moçambique, perpassavam por conflitos histórico-sociais/políticos simultaneamente. De um lado os moçambicanos

tinham a desejo da independência política, o enfrentamento contra o salazarismo português. Por outro lado, os brasileiros enfrentavam o contexto conflituoso da ditadura militar, lutas de classes, as divisões regionais. Em meio a tudo isso, como força motriz os sistemas literários de ambas as nações se convergem no que se referem às questões ideológicas, a utopia libertária.

Em Moçambique o impulso da produção literária engajada, os desejos individuais passaram ao anseio coletivo, teceu-se uma nacionalidade que resplandeceu ao mundo pelas vozes dos intelectuais que resistiam o sistema fechado do capitalismo usando como ferramenta a arte literária.

João Cabral de Melo Neto, na concepção de Alfredo Bosi, foi um dos poetas que se destacou pela maturidade de expressão contida em seus poemas, “o fazer poético” que marca o estilo do escritor seguido da visão coletiva, pois que o sistema literário brasileiro superava as divisões regionais, com ênfase na consolidação de uma literatura tipicamente nacional.

São essas questões elencadas que fazem dos sistemas literários em língua portuguesa, redes que se comunicam em uma teia em língua portuguesa e, subjetivamente tecem a “manhã” com outras cores ideológicas que se converge a partir de um olhar coletivo, macro, globalizante de fazer e ler literatura.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. 2 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. *Dê Vãos e ilhas: literaturas de língua portuguesa no século XX*. 2 ed. São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. *Literatura comparada e Relações comunitárias, Hoje*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 49 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CRAVEIRINHA, José. *Antologia poética/Poetas de Moçambique*; Leite, Ana Mafalda (Org.) Belo Horizonte: Editorial UFMG, 2010.

MACÊDO, Tania. *A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa*. Revista crioula. Nº 5. Maio de 2009.

MELO NETO, João Cabral de. *Tecendo a manhã*. In: *Jornal de Poesia*- [www.jornal de poesia.jor.br](http://www.jornal.de.poesia.jor.br) acesso em dezembro de 2014.

MÜNSTER, Arno. *Ernest Bloch -Filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

SANT'ANNA, Máira Tamaoki. *Da forma à substância: a percepção tátil da figura feminina em alguns poemas de Quaderna de João Cabral de Melo Neto*. 2009. 134 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91533>>.acesso em dezembro de 2014.